O termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorá* através da junção dos elementos *meta* – que significa "sobre" – e *pherein* – que significa "transporte"[1]. Como figura de estilo a metáfora implica em um desvio do sentido literal da palavra para o seu sentido livre. Assim, exige-se do leitor, no processo interpretativo, a apreensão de um novo sentido clarificado pelo contexto em que se insere. Assim a conhecida "mineração de dados" é uma metáfora.

As metáforas têm um importante papel na compreensão de questões complexas, e, em especial enquadram como entendemos conceitos abstratos. As usamos a todo tempo para nos comunicar mesmo sem perceber. Nos anos 2000 ainda era difícil descrever o que de facto eram os dados pessoais de uma forma não técnica. Já na década seguinte a metáfora dominante para os dados pessoais era "oil", no sentido de que os gigantes da internet construíram impérios de produtos e serviços que acompanham todas as nossas atividades e os dados passaram a ser vistos como um recurso vasto e inexplorado, portanto, ideal para extração e sua conversão em dinheiro.

A "mineração de dados" definida como o processo de análise de dados que busca identificar padrões e semelhanças em registos de ficheiros ou base de dados, bem como a extração de informações e conhecimentos neles contidos de forma implícita[2], vem ao longo dos anos, em especial a partir de 2018, a sofrer com retrocessos na metáfora de extração. A verdade é que as metáforas utilizadas imaginam os dados públicos como um recurso inexplorado e que apenas produzem valor quando extraídas e processadas.

Quando pensados somente sob a ótica econômica considerar os dados como "petróleo" pode funcionar, mas não podemos esquecer que os dados são, no fundo, as pessoas e como elas se inserem em um mundo digital. Nossos dados pessoais, assim descritos de maneira fria, são o foco de uma batalha entre os gigantes da internet e os governos. Questões como quem pode recolher esses dados, o que podem fazer com os dados recolhidos, para onde podem ser enviados ainda não foram de pronto respondidas, e não alcançam a nossa experiência individual de dados.

A metáfora utilizada nos dá apenas a ideia da amplitude e da possibilidade econômica dos dados, mas ignora que no fundo os dados tratam de aspetos da nossa vida, como as nossas emoções, os nossos comportamentos, e, os nossos registos de pensamento. A atividade humana compõe os dados. Como sempre ressalto estamos a todos tempo conectados, estamos a todo tempo a compartilhar nossos sentimentos, nossas experiências e como

enxergamos o nosso dia-a-dia.

É comum afirmar que a informação é “o dinheiro do futuro”. Os dados pessoais podem então ser vistos como uma mercadoria? Temos a propriedade sobre nossas palavras, nossas imagens, nossos dados factuais? A visão de que os dados são uma *commodity* em um mundo em que as pessoas anseiam por se tornarem reconhecidas pela quantidade de *likes* ou *views* deve ser uma preocupação dos governos, em uma espécie de paternalismo da privacidade?

Fato é que somos divididos em uma série de fluxos de informação que são estabilizados, capturados de acordo com classificações pré-estabelecidas, para serem então transportados para um local central onde são novamente remontados e combinados para atender a uma variedade de demandas institucionais. Mais uma vez nos damos conta de que os desafios impostos pela tecnologia são enormes, assim como seus benefícios.

---

[1] https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metafora/

[2] Disponível na internet em: https://apdsi.pt/glossario/m/mineracao-de-dados/

Imagem de S. Hermann & F. Richter por Pixabay